

APRESENTAÇÃO

Ao finalizar o ano de 2023, a Revista História em Curso apresenta seu oitavo número com o seguinte Dossiê temático: *Nada mais inverossímil do que a realidade: diálogos entre História e Literatura Fantástica no alvorecer do século XX*. A escolha deste tema não se deu de forma fortuita, mas, basicamente, por duas razões: a primeira delas é um reflexo dos esforços, cada vez mais profundos, de vários pesquisadores e pesquisadoras em utilizar textos literários como fontes históricas. Se, por várias décadas, a historiografia brasileira torceu os olhos para este tipo de documentação, hoje, felizmente, não nos parece ser este o quadro. Na expressão muito feliz de Antonio Celso Ferreira (2009), a academia, via de regra, já se deu conta das inúmeras e interessantes possibilidades dessa que é uma *fonte fecunda*.

No entanto, e eis aqui a nossa segunda razão, ainda engatinham no Brasil os estudos acadêmicos na área de história cujas fontes literárias sejam especificamente do gênero *fantástico* ou de *fantasia*. Este que, na modernidade, se desenvolve ainda no século XIX, a partir de nomes, tais como Robert Barr (1850-1912), Lewis Carroll (1832-1898), Sara Coleridge (1802-1852), Henry Rider Haggard (1856-1925), Andrew Lang (1844-1912), Mary Shelley (1797-1851), George MacDonald (1824-1905), William Morris (1834-1896), Howard Pyle (1853-1911), Bram Stoker (1847-1912) e Herbert George Wells (1866-1946), e que, no século XX, ganhará um grau inigualável de profundidade e complexidade, a partir do filólogo, professor e escritor John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973). A nosso ver, ainda persiste um preconceito ou uma resistência a obras e escritores/escritoras que, em suas ficções, não se debruçam sobre a realidade *tal qual ela é*. Em outras palavras, criaturas mágicas e cenários imaginários são, equivocadamente, tratados com menos seriedade do que enredos, digamos, realistas ou que abordam conflitos psicológicos.

Neste sentido, faz-se necessária a discussão proposta sobre o papel da ficção fantástica, tantas vezes taxada como um tipo de literatura *menor*, *escapista* e *alienante*. O gênero, cujos autores, em sua maioria, não compõem o chamado *Cânone Literário*, pode perfeitamente ser utilizado para a compreensão de uma época histórica, bem como para a transmissão de valores e críticas a essa mesma época. Com relação ao romance *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien – obra paradigmática na fantasia heroica moderna (STABLEFORD, 1990) –, por se tratar de um *best-seller* e ter adentrado na chamada *cultura pop*, a crítica literária, em geral, não lhe recebeu de forma muito amistosa. Igualmente, o rótulo de *maniqueísta* ou história *infantojuvenil*, conferido por estudiosos renomados, como Edmund Wilson (1895-1972), é injusto e fruto de uma leitura superficial. Este Dossiê, por fim, é uma tentativa madura,

perpetrada por graduandos a doutores, de contribuir para a desmistificação do gênero como um todo, e da obra tolkieniana em particular. Afinal, tratam-se aqui de enredos cujos “elementos sobrenaturais não provocam nenhuma reação particular nem nas personagens, nem no leitor implícito” (TODOROV, 2012), mas que, nem por isso, deixam de explorar as angústias humanas, de seus autores e das personagens, de várias maneiras.

O número é composto por: a) cinco artigos deste Dossiê temático, quatro dos quais irão se concentrar nas obras de Tolkien e seus legados, mais um trabalho acerca do *Frankenstein*, de Mary Shelley, obra-chave de um gênero que é irmão de sangue da fantasia, o horror; b) quatro artigos de temática livre, a vocação para a qual esta revista foi criada.

Abrindo esse Dossiê, o artigo *Procurar o fantástico para encontrar o real: dilemas literários na modernidade*, deste autor, busca, por primeiro, analisar a literatura tanto enquanto fenômeno humano, quanto uma forma de conhecimento da realidade histórica. Em seguida, discute as dificuldades do movimento *realista* em suas pretensões intrínsecas (transmitir uma imagem fiel da realidade), sobretudo a partir da virada do século XIX para o XX. De fato, as transformações advindas com as novas descobertas na área da ciência e da tecnologia, assim como o impacto monstruoso da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), contribuíram fortemente para o surgimento da ideia de que a realidade não somente é inverossímil, como é, também, intransmissível. Por fim, chega-se à conclusão de que, para transmitir a realidade de modo persuasivo, foi necessário a muitos literatos recorrer ao gênero fantástico, a exemplo de J. R. R. Tolkien, que, como vimos, é considerado o criador da ficção fantástica moderna.

Já o trabalho *Um mundo possível: a fantasia de Tolkien dialoga com a historiografia*, elaborado por Emanuelle Garcia Gomes (UFU) e Pedro Benedetti (USP), procura conectar o célebre ensaio *On Fairy-Stories*, de Tolkien, com os estudos no campo da historiografia. Partindo do princípio tolkieniano de que a fantasia é parte intrínseca da linguagem humana, e de que histórias desse gênero produzem dois efeitos fundamentais em quem os lê – a *Recuperação* (a capacidade de enxergar além do que é familiar) e o *Escape* (o vislumbre de uma perspectiva alternativa da realidade), os autores discutem a aplicação dessas ideias na compreensão das mudanças ocorridas na historiografia do século XX. Procuram, desta forma, demonstrar o potencial de diálogo entre a literatura e a história, enriquecer o conjunto de ferramentas teórico-metodológicas disponíveis e ampliar as perspectivas futuras no campo historiográfico.

A seguir, ainda discutindo Tolkien, porém de modo mais específico, Mateus Roque da Silva (UNICAMP) e Raul Chatel Neto (IFF) escrevem *Entre as cinzas de Isengard e o verde de Fangorn: por uma análise ecocrítica de O Senhor dos Anéis, de J. R. R. Tolkien*. O objetivo do texto é analisar algumas passagens de *As Duas Torres*, a segunda parte de *O Senhor dos Anéis*, sob o viés da questão ambiental, uma preocupação constante que Tolkien teve ao longo de praticamente toda a sua vida. Neste caso, entrará em primeiro plano a relação do mago *Saruman*, senhor de Isengard, com a floresta de Fangorn, protegida pelos Ents, criaturas humanoides semelhantes a árvores, que representam a luta da natureza contra os avanços industriais da humanidade. Dessa forma, os autores demonstram como Tolkien, longe de ser um sujeito deslocado dos problemas de seu tempo, e a despeito de escrever fantasia, bebe da mesma tradição de escritores antimodernistas e anti-industriais, a exemplo de T. Carlyle (1795-1881), J. Ruskin (1819-1900), T. Hardy (1840-1928), E. Carpenter (1844-1929), e outros artistas pioneiros, os georgeanos, G. K. Chesterton (1874-1936), E. M. Forster (1879-1970), D. H. Lawrence (1885-1930) e G. M. Trevelyan (1876-1962).

O quarto trabalho, à semelhança do que vimos anteriormente, também se debruça sobre temas específicos. *Morte na Terra-média: visões tolkienianas sobre o Mal*, de João Gabriel T. de Sousa (UFSJ), pretende analisar a representação do mal e o papel fundamental da morte no universo ficcional de J. R. R. Tolkien. Segundo o autor desse trabalho, Tolkien concebe o bem como sinônimo de virtude, amor e sacrifício, em contraste com o mal, sintetizado na elevação da vontade individual acima de qualquer coisa. Esse desejo de controlar as liberdades alheias se manifesta nos *Anéis de Poder*. Já a morte, por sua vez, não significa uma realidade necessariamente destrutiva ou negativa, mas parte de um ciclo natural, de renovação e recomeço.

Por fim, encerramos o Dossiê recuando cerca de um século e, de certa forma, nos afastamos (mas só um pouco) da fantasia propriamente dita. Rafael Kiefer Teixeira dos Santos (UFES) nos apresenta o artigo *A técnica moderna presente no livro Frankenstein, de Mary Shelley*. A partir de uma análise acerca dessa obra-prima do horror gótico, Teixeira discute como a autora entendia as relações do homem moderno com a ciência e com a natureza, além de refletir sobre as consequências que o desenvolvimento tecnológico sem limites pode gerar. Portanto, por se tratarem de gêneros literários que se utilizam de um arsenal semelhante, podemos dizer que, assim como a ficção fantástica, a literatura de horror “leva vantagem sobre o ‘realismo’ (...) Ela *amplifica e esclarece* a condição humana (...)” (GARTH, 2022).

Nas temáticas livres, focadas no campo da História das Ideias no século XX, o presente número traz o trabalho *O fenômeno totalitário em Eric Voegelin e Hannah Arendt*, de Wagner Augusto Junio Pereira Braga (PUC Minas). O autor procede a uma apurada pesquisa bibliográfica, focada principalmente na análise de algumas obras dos dois intelectuais germano-americanos mencionados. Com isso, ele pretende lançar mão de ambas as perspectivas, de modo a contribuir com os debates acerca do complexo fenômeno do totalitarismo, localizando-o tanto no espectro religioso quanto no institucional. O trabalho é particularmente relevante, uma vez que discursos e regimes de matriz autoritária, seja à esquerda ou à direita, têm se fortalecido em todo o mundo nos últimos anos.

Matheus Antunes Ferraz de Jesus (Unicentro) faz uma importante contribuição à historiografia do Brasil Império, por meio do texto *Sobre a historiografia e a abdicação: leituras do sete de abril de 1831*. O autor analisa de que maneira as cenas políticas do Primeiro Reinado (1822-1831), da ascensão de D. Pedro I à sua abdicação, foram abordadas por famosos intelectuais contemporâneos destes eventos, tais como o Visconde de Cairu (1756-1835), John Armitage (1807-1856), Justiniano José da Rocha (1812-1862) e Francisco de Sales Torres Homem (1812-1876). Via de regra, a chave de leitura destes analistas caminha entre os conceitos de *revolução* e *evolução*.

Em seguida, nos é apresentado um trabalho sobre história local. O artigo *Mercados de Belo Horizonte – MG: passado e presente, resistência e transformação*, de Daniel Ribeiro Victor (PUC Minas), Arthur Ferreira Diniz da Silva (PUC Minas) e Tayná Karine Augusto da Rocha (PUC Minas), tem como finalidade relatar a história de alguns mercados que se entrelaçam com a história da capital de Minas Gerais. Ou seja, o que representavam à época em que foram inaugurados e como se encontram atualmente. Isso é possível, uma vez que as feiras e os mercados ocuparam, desde tempos imemoriais, uma posição relevante na origem e no desenvolvimento das cidades, permitindo trocas tanto materiais quanto socioculturais.

O presente número se encerra com o artigo de Ariel Montes Lima (UFMT): *O sentido e sua natureza: uma busca por elos e palavras*, um trabalho não propriamente histórico, mas que transita entre a filosofia da linguagem e a linguística. Nele, sua autora aborda filosoficamente a questão da natureza do sentido na linguagem. Ora, sabe-se que a palavra não se relaciona diretamente com os objetos que nomeia e, sim, como uma rede sistêmica de convenções e signos constituídos social, cultural e historicamente. Discute-se, ainda, questões complexas como o *Solipsismo* e o *Relativismo Linguístico*. A relevância da presente pesquisa

encontra-se no papel de oferecer ferramentas para uma futura e mais aprofundada análise destes problemas.

Para concluir, o objetivo principal desse Dossiê é demonstrar que a crença na capacidade humana de apreender toda a realidade e transplantá-la para o papel foi paulatinamente abandonada na virada do século XIX para o XX, um período marcado por profundas perturbações. Novos postulados científicos, como o conceito do *inconsciente*, de Sigmund Freud (1856-1939); o rompimento com a geometria euclidiana estabelecido por Edmund Husserl (1859-1938); os trabalhos que culminaram na *Teoria da Relatividade Geral* de Albert Einstein (1879-1955), e a constatação revolucionária de que o universo não simplesmente *é*, mas *está* em expansão desde a sua origem, como proposto por Edwin P. Hubble (1889-1953), modificaram a maneira como as pessoas, sobretudo aquelas pertencentes às classes falantes, pensavam o mundo e a si mesmas.

Juntam-se a isso os avanços do processo de modernização e de todo o caos decorrente dela: industrialização, desmatamento, poluição e miséria. A certeza de que a razão iluminista conduziria a humanidade ao progresso sem fim caiu no descrédito. Os horrores da Primeira Guerra Mundial foram somente a pá de cal nesta longa marcha rumo ao desespero. Afinal, nunca, em toda a história, haviam sido mobilizados tantos recursos e tantas pessoas, e outras tantas haviam sido mortas em tão pouco tempo, e por meios tão eficazes.

Tais processos tornaram verdadeiro o que já foi dito e repisado por diversos literatos: a verdade pode, às vezes, ser inverossímil; a vida constitui um grande absurdo. E, uma vez que se quer transmitir esta experiência, é preciso ir além da mera descrição realista, das coisas “tais quais aconteceram”. Se não foi assim que nasceu a fantasia, visto que sua origem se perde nas areias do tempo, foi neste contexto que ela sentiu as asperezas da maturidade.

Uma última curiosidade: o ano de 2023 também marca a passagem dos 50 anos de falecimento de J. R. R. Tolkien (2 de setembro de 1973), um dos sobreviventes das trincheiras do *Front Ocidental* e, não por casualidade, responsável direto por elevar a ficção fantástica a este patamar de amadurecimento. No final das contas, esse Dossiê se configura como uma justa e singela homenagem a ele.

Boa leitura!
Roney Marcos Pavani¹

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, Antônio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

GARTH, J. **Tolkien e a Grande Guerra**: o limiar da Terra-média. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2022.

STABLEFORD, Brian. From Baum to Tolkien, 1900-56. In: BARRON, Neil (ed.). **Fantasy Literature: A Reader's Guide**. New York & London: Garland Publishing, 1990.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

¹ Professor licenciado do IFES – Nova Venécia. Mestre e doutorando em História (UFES), sob orientação do Prof. Dr. Julio Bentivoglio. Membro do Laboratório de Estudos em Teoria da História e História da Historiografia da UFES (LETHIS/UFES) e membro do Grupo de Estudos em História e Literatura da PUC-MG (GEHISLIT/PUC-MG). E-mail: roney.pavani@gmail.com